

# TENDÊNCIAS NA UTILIZAÇÃO DA INTERNET Para Questões de Saúde e Doença em Portugal 2005-2007

Silvina SANTANA

## RESUMO

Este trabalho discute tendências e padrões no uso da Internet para questões de saúde ou doença em Portugal. Envolve 3001 entrevistas completas levadas a cabo em 2005 e 2007, no âmbito do projecto WHO/Europeu e Health Consumer Trends Survey.

A percentagem de Portugueses que reportou ter utilizado a Internet por razões de saúde ou doença aumentou, em média, 9.1% (IC 95%, 5.5-12.6), nos 18 meses que medeiam os inquéritos. A análise por região geográfica mostra que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as regiões estudadas. A análise por género e grupo etário sugere uma diminuição da diferença entre homens e mulheres, mas detecta excepções merecedoras de atenção, nomeadamente, a acentuada predominância de mulheres entre os indivíduos com 15 a 34 anos que utilizam a Internet por razões de saúde ou doença e a predominância de homens nos escalões etários 45-54 anos e 65-80 anos. A análise por nível de formação mostra que é entre os Portugueses com formação superior que a utilização da Internet para questões de saúde ou doença é mais elevada. No entanto, também se observou um crescimento significativo entre os Portugueses com formação ao nível do ensino básico, particularmente entre os utilizadores da Internet, tendo-se passado de quatro utilizadores por motivos de saúde em cada dez indivíduos neste grupo para seis utilizadores em cada dez indivíduos. A actividade relacionada com a saúde que mais Portugueses leva à Internet é a leitura de sítios Web, mas, no grupo restrito dos utilizadores da Internet por razões de saúde, *comunicar com um profissional de saúde que nunca conheceu cara a cara* foi a actividade que registou maior variação positiva (9.2%, IC 95%, 5.3-13.2). O profissional de saúde ainda é visto como a mais importante fonte de informação sobre saúde pelos Portugueses, mas a importância reportada desceu, em média, 10% (IC 95%, -12.6, -7.6), a maior variação negativa registada. A família, amigos e colegas registaram a maior variação positiva. Em 2007, a Internet posicionou-se como a mais importante fonte de informação de saúde, entre os utilizadores da Internet por razões de saúde ou doença.

Em Portugal, a Internet assume um papel cada vez mais importante enquanto fonte de informação de saúde e parece estar a assistir-se a um efeito equalizador no que se refere ao acesso a certo tipo de serviços de informação de saúde on-line, o que poderá vir a ter um impacto significativo na relação médico-doente.

S.S.: DEGEI/IEETA: Universidade de Aveiro. Aveiro

© 2009 CELOM

## SUMMARY

### TRENDS OF INTERNET

#### Use for Health Matters in Portugal: 2005-2007

This paper discusses trends of Internet use for health or illness matters in Portugal. It is based on two waves of the WHO/Europeu eHealth Consumer Trends Survey that took place in 2005 and 2007. The investigation involves 3001 complete interviews to individuals between 15 and 80 years old.

Results show that the percentage of the Portuguese population reporting having used the Internet for health or illness matters has increased in average 9.1% (IC 95%, 5.5-12.6) in the 18 months that mediate the two surveys. The analysis by geographical region shows that there are no statistically significant differences between the five studied regions. The analysis by gender and age shows that the difference between men and women is diminishing but detects important exceptions, namely, a sharp predominance of women in the group of individuals aged 15-34 years old that use the Internet for health or illness matters and the prevalence of men in the age levels 45-54 and 65-80 years old. The analysis by level of education completed show that the use is particularly high among those with complete higher education studies, with an increase of 8.2% (IC 95%, -6-17.0) in the period under analysis. However, a significant increase has been observed among the Portuguese with before A-level studies, particularly when considering the group of Internet users for health purposes, where it has raised from four users in each ten individuals in 2005 to six users in each ten individuals in 2007. Reading health Web sites is the health related activity that more Portuguese attracts to the Internet but in the restricted group of Internet health users «communicating with an unknown health professional never met face to face» is the activity with higher positive variation in the period (9.2%, IC 95%, 5.3-13.2). Health professionals are still considered as the most important source of health information but their perceived importance has decreased 10% (IC 95%, -12.6, -7.6) between 2005 and 2007, the higher negative variation in this period. Family, friends and colleagues have registered the higher positive variation. In 2007, the Internet was rated as the most important source of health information by those using the Internet for health or illness purposes. In Portugal, the Internet assumes an increasingly important role as a source of health information. Moreover, it seems it is being promoting equitable access to health information. Increasingly challenging situations are expected during the medical consultation.

## INTRODUÇÃO

O número de pessoas que utiliza a Internet por razões de saúde ou doença tem vindo a aumentar significativamente<sup>1-4</sup>. Por outro lado, a Internet assume características e funções cada vez mais ricas e complexas, constituindo-se não só num meio de informação unidireccional em grande escala mas como um meio de comunicação e de comercialização multifacetado, de qualidade, muito eficiente, pouco dispendioso e de grande alcance.

O encontro clínico constitui, sem dúvida, a oportunidade e o local ideais para informar o doente<sup>5 (pp1)</sup> e o médico ainda é considerado pelo cidadão como a mais importante fonte de informação de saúde<sup>1</sup>. No entanto, a crescente importância da Internet neste domínio é um facto, como também o é o seu potencial para alterar a relação médico-doente<sup>6</sup>. Os profissio-

nais e os investigadores na área da saúde já não controlam a produção e a disseminação de informação de saúde, que pode agora ser encontrada em versões electrónicas de jornais médicos e outras fontes de informação médica na Internet<sup>7</sup>. Os cidadãos tornaram-se co-produtores de informação de saúde, que disseminam através do e-mail e de comunidades virtuais de auto-ajuda<sup>8</sup>, acedem a e gerem os seus registos médicos pela Internet<sup>9</sup>, compram medicamentos on-line e comunicam pela Internet com médicos que não conhecem pessoalmente<sup>10</sup>. Estas iniciativas significam inúmeras oportunidades de receberem informação de saúde e muitos afirmam que a informação médica e a ajuda que encontram on-line é mais completa e útil do que a informação fornecida tipicamente pelos seus médicos<sup>11</sup>.

Este trabalho é parte integrante do projecto WHO/Europeu European eHealth Consumer Trends Survey, apoia-

do pela Organização Mundial de Saúde e co-financiado pela Comunidade Europeia. O projecto, iniciado em 2005, tem uma duração de três anos e é liderado pelo Centro Norueguês de Telemedicina. Em Portugal, está a cargo da Universidade de Aveiro. A primeira fase do estudo, levada a cabo em 2005, mostrou que uma percentagem significativa dos cidadãos de todos os sete países participantes já tinha utilizado a Internet por razões de saúde ou doença e que existiam diferenças regionais assinaláveis e permitiu construir o perfil do Europeu utilizador da Internet por razões de saúde ou doença<sup>1</sup>. Em Portugal, os dados mostram que 30% dos Portugueses já tinha utilizado a Internet para procurar informação relacionada com saúde ou doença, colocando o país em quinto lugar no ranking dos sete países investigados, atrás da Dinamarca (62%), da Noruega (59%), da Alemanha (49%) e da Polónia (42%). Dos 30% de utilizadores, 14% tinham recorrido a ela pelo menos uma vez por mês, o que significa um aumento de 8.2% relativamente a 2003<sup>12</sup>. No sub-grupo dos utilizadores da Internet, a percentagem de Portugueses que já a tinha utilizado para procurar informação sobre saúde ou doença era bastante mais elevada, atingindo os 62%.

O inquérito foi repetido em 2007, o que permitiu detectar tendências e padrões nos níveis e frequência de utilização, bem como nas opiniões, atitudes e expectativas dos cidadãos relativamente à Internet e aos serviços de saúde nela disponibilizados. Este artigo reporta e discute parte dos resultados alcançados no âmbito do projecto.

## MATERIALE MÉTODOS

Os resultados aqui reportados foram obtidos no âmbito do projecto *WHO/European survey on eHealth consumer trends*, apoiado pela Organização Mundial de Saúde (*World Health Organization – WHO*) e co-financiado pela Comissão Europeia, programa de acção comunitária na área da Saúde Pública (2003-2008) da Direcção Geral *Health & Consumer Protection, Directorate C*. O projecto decorre de Junho de 2005 a Junho de 2008 e tem a participação de sete países: Noruega, Portugal, Alemanha, Dinamarca, Grécia, Letónia e Polónia.

O questionário foi desenvolvido em inglês para ser aplicado por telefone (*Computer-Assisted Telephone Interviews – CATI*), com a colaboração de todos os parceiros e foi testado numa amostra reduzida, de forma a controlar a ambiguidade das perguntas e a melhorar a qualidade do instrumento. Posteriormente, o questionário foi traduzido para a língua, ou línguas, dos diversos países participantes utilizando o método da focagem dual<sup>13</sup>.

Para o primeiro inquérito, que decorreu entre Outubro e Novembro de 2005, foi estabelecido como objectivo para Portugal a obtenção de 2000 entrevistas completas, dado que se esperava um nível de utilização da Internet para questões de saúde ou doença relativamente baixo. Os entrevistados, residentes em lares com telefone fixo com entre 15 e 80 anos, foram seleccionados aleatoriamente a partir de uma amostra estratificada representativa da população portuguesa, composta especificamente para o efeito. O segundo inquérito teve lugar em Abril e Maio de 2007. Tendo em conta o conhecimento adquirido com o primeiro inquérito, estabeleceu-se como objectivo a obtenção de 1000 inquéritos completamente preenchidos, tal como em todos os outros países. A introdução de quotas permitiu obter amostras representativas da população Portuguesa, sem a necessidade de pesar os dados à *posteriori*.

Auditorias efectuadas aos dados recolhidos nas duas vagas de inquéritos efectuados em Portugal permitem atestar a boa representatividade das amostras obtidas, tendo em conta estimativas baseadas no *Census* e em dados do Ministério da Educação<sup>14</sup>. Mesmo assim, e para efeitos de comparação, os dados obtidos em 2005 foram pesados com base nos dados recolhidos em 2007, de forma a acautelar diferenças mínimas em certos níveis etários.

## RESULTADOS

Em média, a percentagem da população Portuguesa que reportou já ter alguma vez utilizado a Internet por razões de saúde ou doença aumentou de 29.2% (IC 95%, 27.2-31.2) em 2005 para 38.3% (IC 95%, 35.3-41.3) em 2007, uma mudança média de 9.1% (IC 95%, 5.5-12.6). No mesmo período, a percentagem de Portugueses que reportou já ter utilizado a Internet aumentou de 49% (IC 95%, 46.8-51.2) para 52.3% (IC 95%, 49.2-55.4), uma mudança média de 3.3% (IC 95%, -0.5-7.1).

A análise por região geográfica (Quadro 1) permite verificar que a região de Lisboa é aquela onde se verifica maior utilização da Internet, sendo que 53.6% (IC 95%, 47.7-59.5) dos habitantes utilizou a Internet pelo menos uma vez por mês. Na mesma região, 36.0% (IC 95%, 30.3-41.7) dos habitantes utilizou a Internet por razões de saúde ou doença pelo menos uma vez por ano. A região com mais baixa utilização da Internet é a região Norte, com 43.8% (IC 95%, 38.7-48.8) e a região com mais baixa utilização da Internet por razões de saúde ou doença é a região Centro, com 29.3% (IC 95%, 23.5-35.1). No entanto, as diferenças entre as cinco regiões não são estatisticamente significativas em qualquer das situações.

Quadro 1 – Utilização da Internet em Portugal em 2007, em geral e por razões de saúde ou doença, por região demográfica.

Região	Usam a Internet pelo menos uma vez por mês	Usam a Internet por razões de Saúde ou Doença
NORTE - 368	43.8 (38.7-48.8)	31.5 (26.8-36.3)
CENTRO - 239	45.6 (39.3-52.0)	29.3 (23.5-35.1)
LISBOA - 278	53.6 (47.7-59.5)	36.0 (30.3-41.7)
ALENTEJO - 76	50.0 (38.5-61.5)	34.2 (23.3-45.1)
ALGARVE - 39	51.3 (34.9-67.7)	33.3 (17.9-48.8)

Em 2005, havia significativamente mais homens do que mulheres a utilizar a Internet pelo menos uma vez por mês em todos os grupos etários, excepto para aqueles entre 15 e 24 anos (Quadro 2). Em 2007, a tendência é para a diminuição da diferença entre géneros, mas verificam-se algumas excepções merecedoras de mais atenção. No grupo etário 25 a 34 anos, em 2005 a diferença no acesso era de 20.3%, com vantagem para os homens, em 2007 a diferença passou para 9.5%, com vantagem para as mulheres. No grupo etário 65 a 80 anos, a diferença no acesso, favorável ao homem, mais do que duplicou, passando de 6.4% para 13.7%.

No que respeita à utilização da Internet por razões de saúde ou doença, o facto mais significativo a relatar é o elevado número de mulheres nos grupos etários 15-24 anos e 25-34 anos que a utilizavam por este motivo pelo menos uma vez por ano em 2007, sete em cada dez no

primeiro caso e seis em cada dez no segundo. No escalão 25-34 anos, 39% das mulheres portuguesas utilizava a Internet por razões de saúde pelo menos uma vez por ano em 2005, percentagem que subiu para 63.6% em 2007. Neste ano, havia 25% mais mulheres do que homens neste escalão etário a utilizar a Internet com essa motivação. Nos escalões 45-54 anos e 65-80 anos, as diferenças entre homens e mulheres acentuaram-se a favor dos homens, passando de 8.7% para 13.7% no primeiro caso e de 2.4% para 4.5% no segundo. Estas variações acompanham variações na utilização da Internet em geral. O mesmo sucede para os cidadãos entre os 15 e os 34 anos, mas neste caso é entre as mulheres que a utilização da Internet em geral e por razões de saúde em particular aumenta de 2005 para 2007, sendo que o diferencial de utilização entre homens e mulheres atinge 30%, para o escalão 25-34 anos.

Quadro 2 – Evolução da utilização da Internet em Portugal, em geral e por razões de saúde ou doença, por grupo etário e género, entre 2005 e 2007

Idade	Uso da Internet	2005			2007						
		N	Homens % (IC)	Mulheres % (IC)	Diferencial % (IC)	N	Homens % (IC)	Mulheres % (IC)	Diferencial % (IC)		
15-24	Usam a Internet pelo menos uma vez por mês	235			3.1 (-4.6-10.9)	112	85.8 (79.3-92.4)	54	85.5 (75.8-95.1)	4 (-11.2-11.9)	
	Usam a Internet por razões de saúde pelo menos uma vez por ano	235	48.7 (42.3-55.1)	114	57.1 (47.9-66.3)	-8.3 (-19.5-2.9)	112	49.6 (40.2-58.9)	54	67.3 (54.5-80.1)	17.7 (-33.7--1.7)
25-34	Usam a Internet pelo menos uma vez por mês	238	79.8 (74.7-84.9)	112	59.5 (50.2-68.7)	20.3 (10.6-30.1)	125	65.1 (56.6-73.5)	54	74.6 (62.7-86.4)	-9.5 (-24.4-5.4)
	Usam a Internet por razões de saúde pelo menos uma vez por ano	238	44.5 (38.2-50.9)	112	38.7 (29.5-47.8)	5.7 (-5.3-17.0)	125	38.9 (30.3-47.5)	54	63.6 (50.5-76.8)	24.7 (-40.3--9.2)
35-44	Usam a Internet pelo menos uma vez por mês	151	63.9 (56.2-71.7)	193	39.1 (32.2-46.1)	24.8 (14.5-35.1)	73	64.9 (53.7-76.0)	97	50.0 (39.9-60.1)	14.9 (-0.1-29.9)
	Usam a Internet por razões de saúde pelo menos uma vez por ano	151	36.6 (28.9-44.4)	193	26.7 (20.5-33.0)	9.9 (0.0-19.7)	73	39.2 (27.8-50.6)	97	36.7 (27.0-46.5)	2.5 (-12.4-17.3)
45-54	Usam a Internet pelo menos uma vez por mês	111	43.5 (34.2-52.8)	199	26.1 (20.0-32.3)	17.4 (6.6-28.1)	52	56.6 (42.8-70.4)	100	36.6 (27.1-46.2)	20.0 (3.3-36.6)
	Usam a Internet por razões de saúde pelo menos uma vez por ano	111	23.3 (15.3-31.2)	199	14.6 (9.6-19.5)	8.7 (-1.1-17.5)	52	43.4 (29.6-57.2)	100	29.7 (20.6-38.8)	13.7 (-2.2-29.6)
55-64	Usam a Internet pelo menos uma vez por mês	75	25.9 (15.8-35.9)	183	6.0 (2.6-9.5)	19.8 (11.5-28.2)	40	31.7 (16.8-46.6)	87	19.3 (10.9-27.7)	12.4 (-3.4-28.2)
	Usam a Internet por razões de saúde pelo menos uma vez por ano	75	15.4 (7.1-23.6)	183	4.7 (1.6-7.7)	10.7 (3.6-17.8)	40	22.0 (8.7-35.2)	87	11.4 (4.6-18.1)	10.6 (-2.6-23.8)
65-80	Usam a Internet pelo menos uma vez por mês	140	7.0 (2.7-11.2)	238	5 (-4-1.5)	6.4 (3.0-9.9)	70	16.9 (8.0-25.8)	124	3.2 (1-6.3)	13.7 (5.9-21.5)
	Usam a Internet por razões de saúde pelo menos uma vez por ano	140	3.5 (4-6.6)	238	1.1 (-2-2.4)	2.4 (-5-5.3)	70	8.5 (1.8-15.1)	124	4.0 (5-7.5)	4.5 (-2.3-11.2)
Total	Usam a Internet pelo menos uma vez por mês	956	59.8 (56.7-62.9)	1045	29.1 (26.3-31.8)	30.8 (26.6-34.9)	478	59.0 (54.6-63.4)	478	37.4 (33.2-41.5)	21.6 (15.6-27.7)
	Usam a Internet por razões de saúde pelo menos uma vez por ano	956	33.5 (30.5-36.4)	1045	19.2 (16.8-21.6)	14.2 (10.4-18.0)	522	36.0 (31.7-40.3)	522	29.3 (25.4-33.2)	6.7 (9-12.5)

Uma análise mais aprofundada dentro do grupo de utilizadores da Internet por razões de saúde ou doença permite detalhar os motivos que levam estes cidadãos Portugueses a procurar informação e/ou serviços de saúde na Internet. No caso da mulher, a informação sobre estilos de vida, nutrição e dieta levou à Internet, nos seis meses anteriores ao inquérito, sobretudo, mulheres no escalão 15-24 anos (54.3%), mas também cativou faixas significativas de mulheres nos escalões 45-54 anos (42.4%) e 55-64 anos (41.7%). A informação sobre gravidez e cuidado de crianças levou à Internet 42.1% das mulheres no escalão 25-34 anos e 24.4% das mulheres no escalão 35-44 anos. A informação sobre a gestão de aspectos relacionados com a doença, como baixa, seguros e direitos na doença foi procurada por 34.2% das mulheres no escalão 25-34 anos e 33.3% no escalão 45-54 anos, enquanto que a informação sobre uma doença específica foi particularmente procurada no escalão 35-44 anos (56.1%), embora registe índices de procura superiores a 40% das mulheres em todas as faixas etárias, com excepção daquelas com idade igual ou superior a 65 anos. No caso do homem, a informação sobre estilos de vida, nutrição e dieta interessou, particularmente, a indivíduos nos escalões etários 15-24 (39.1%) e 25-34 (39.3%), sendo que, a partir desta idade, o número de interessados decresce fortemente. No que respeita à informação sobre gravidez e cuidado de crianças, a utilização mais elevada verifica-se entre os indivíduos no escalão 35-44 anos (13.9%). Já a informação sobre aspectos relacionados com a doença, como baixa,

seguros e direitos na doença leva à Internet 33.3% dos indivíduos na faixa 35-44 anos, despertando significativamente menos interesse entre o resto da população. Relativamente à informação sobre uma doença específica, 40.6% dos indivíduos com 15-24 anos e 28.6% dos indivíduos com 25-34 anos recorrem à Internet para a procurar, sendo que o nível de utilização é relativamente baixo nas outras faixas etárias.

A análise por nível de formação (Quadro 3) permite verificar que, em 2007, seis em cada dez Portugueses com formação ao nível do ensino superior reportou ter utilizado a Internet por razões de saúde ou doença pelo menos uma vez por ano, números que descem para cinco em cada dez, no caso dos cidadãos com ensino secundário completo ou equivalente e para dois em cada dez, no caso dos cidadãos sem formação ou com formação ao nível do ensino básico. No entanto, foi entre os utilizadores da Internet neste último grupo que mais cresceu a utilização da Internet por razões de saúde ou doença, entre 2005 e 2007, sendo que mais de 50% dos cidadãos sem formação ou com formação ao nível do ensino básico reportou ter utilizado o meio por razões de saúde ou doença pelo menos uma vez por ano, em 2007.

A actividade relacionada com a saúde ou a doença que mais Portugueses prende à Internet é a leitura de sítios Web (Quadro 4). Entre a população em geral, registou-se um aumento de 5% no número de pessoas que a ela recorreu pelo menos uma vez por ano. No grupo de utilizadores da Internet por razões de saúde ou doença, oito em cada

Quadro 3 – Evolução da utilização da Internet por razões de saúde ou doença em Portugal, por níveis de formação, entre 2005 e 2007

	Sem formação ou com formação ao nível do ensino básico			Com ensino secundário, ou equivalente, completo			Com formação ao nível do ensino superior		
	2005		Diferencial % (IC)	2005		Diferencial % (IC)	2005		Diferencial % (IC)
	N	% (IC)		N	% (IC)		N	% (IC)	
Portugueses que utilizam a Internet pelo menos uma vez por mês	1280	20.1 (17.9-22.3)	4.9 (9-9.0)	373	83.9 (80.1-87.6)	-8.3 (-14.8--17.4)	347	87.7 (84.3-91.2)	-2.0 (-8.1-4.1)
Portugueses que utilizam a Internet por razões de saúde ou doença pelo menos uma vez por ano	1280	11.4 (9.7-13.1)	5.0 (1.7-8.2)	373	51.3 (46.2-56.4)	-1 (-8.5-8.2)	347	52.7 (47.4-57.9)	8.2 (-6-17.0)
Utilizadores da Internet que a utilizam por razões de saúde ou doença pelo menos uma vez por ano	332	43.9 (38.5-49.2)	12.6 (3.4-21.8)	331	57.8 (52.4-63.1)	3.3 (-5.6-12.2)	317	57.7 (52.2-63.2)	11.2 (2.1-20.3)

Quadro 4 – Evolução da utilização de serviços on-line relacionados com a saúde, na população em geral e entre os utilizadores da Internet por questões de saúde ou doença, entre 2005 e 2007

	População em geral					Utilizadores da Internet por razões de saúde ou doença				
	2005		Variação Média % (IC)	2007		2005		Variação Média % (IC)	2007	
	N	Média % (IC)		N	Média % (IC)	N	Média % (IC)		N	Média % (IC)
Comunicar com um profissional de saúde que nunca conheceu cara-a-cara	2001	2.2 (1.5-2.8)	4.1 (2.7-5.5)	1000	6.3 (4.8-7.8)	604	7.2 (5.2-9.3)	9.2 (5.3-13.2)	383	16.5 (12.7-20.2)
Participar em fóruns relacionados com saúde ou doença	2001	2.6 (1.9-3.3)	2.8 (1.4-4.2)	1000	5.4 (4.0-6.8)	604	8.6 (6.3-10.8)	5.5 (1.6-9.5)	383	14.1 (10.6-17.6)
Encomendar medicamentos ou outros produtos relacionados com saúde ou doença	2001	1.6 (1.1-2.2)	1.4 (-3.2-5.5)	1000	3.0 (1.9-4.1)	604	5.3 (3.5-7.1)	2.5 (-6.5-6.6)	383	7.8 (5.1-10.5)
Ler acerca de saúde ou doença num sítio Web	2001	25.5 (23.6-27.4)	4.8 (1.4-8.2)	1000	30.3 (27.5-33.2)	604	84.5 (81.6-87.4)	-5.3 (-10.3--.5)	383	79.1 (75.0-83.2)

Quadro 5 – Evolução na importância percebida de várias fontes de informação sobre saúde ou doença, entre 2005 e 2007

Fonte de informação	População em geral				Utilizadores da Internet por razões de saúde ou doença			
	2005 (N=2001) Média % (IC)	2007 (N=1000) Média % (IC)	Variação Média % (IC)	Nº ordem em 2007	2005 (N=585) Média % (IC)	2007 (N=383) Média % (IC)	Variação Média % (IC)	Nº ordem em 2007
Internet	51.5 (49.3-53.7)	55.9 (52.8-59.0)	4.4 (-7.8-2)	7º	78.9 (75.6-82.3)	83.3 (79.5-87.0)	4.4 (-7.9-4)	1º
Televisão/Rádio	65.1 (63.0-67.2)	68.8 (65.9-71.7)	3.7 (-1.7-3)	4º	60.1 (56.1-64.1)	65.0 (60.2-69.8)	4.9 (-1.4-11.2)	5º
Livros, enciclopédias médicas e brochuras	56.7 (54.5-58.9)	58.3 (55.2-61.4)	1.6 (-2.1-5.4)	5º	70.8 (67.1-74.5)	65.0 (60.2-69.8)	-5.8 (-11.8-2)	5º
Cursos e palestras	42.9 (40.7-45.1)	45.0 (41.9-48.1)	2.1 (-1.7-5.9)	8º	54.6 (50.5-58.6)	52.2 (47.2-57.2)	-2.4 (-8.8-4.1)	8º
Jornais e revistas	52.4 (50.2-54.6)	56.5 (53.4-59.6)	4.1 (-3.7-9)	6º	55.6 (51.6-59.7)	57.2 (52.2-62.2)	1.6 (-4.8-8.0)	7º
Família, amigos e colegas	72.7 (70.7-74.7)	80.0 (77.5-82.5)	7.3 (4.0-10.6)	2º	63.7 (59.8-67.6)	75.7 (71.4-80.0)	12.1 (6.1-18.0)	3º
Farmácias	76.5 (74.6-78.3)	73.3 (70.6-76.1)	-3.2 (-6.4-1)	3º	69.7 (65.9-73.4)	69.5 (64.8-74.1)	-2 (-6.2-5.7)	4º
Contacto cara-a-cara com profissionais de saúde	90.7 (89.4-91.9)	80.6 (78.1-83.1)	-10.1 (-12.6- -7.6)	1º	87.3 (84.6-90.1)	78.1 (73.9-82.2)	-9.3 (-14.0- -4.5)	2º

dez leu sobre este assunto na Internet pelo menos uma vez por ano, em 2007. No entanto, traduzindo para percentagens, verifica-se que houve uma diminuição de 5% nesta actividade, para este grupo específico.

Os dados mostram que, neste grupo, das actividades relacionadas com a saúde colocadas à consideração dos entrevistados, utilizar a Internet para *comunicar com um profissional de saúde que nunca conheceu cara a cara* foi aquela que registou a maior variação positiva, entre 2005 e 2007 (9.2%, de 7.2% para 16.5%). Seguem-se-lhe *participar em fóruns relacionados com saúde ou doença* (5.5%, de 8.6% para 14.1%) e *encomendar medicamentos ou outros produtos relacionados com saúde ou doença* (2.5%, de 5.3% para 7.8%). Entre a população em geral, os números ainda podem ser considerados baixos, mas também estão a crescer.

O Quadro 5 mostra a evolução na importância percebida pelos entrevistados de várias fontes de informação sobre saúde ou doença (4 ou 5, numa escala de 1= não importante a 5 = importante), entre 2005 e 2007. O profissional de saúde ainda é visto como a fonte mais importante de informação de saúde, mas a sua importância percebida desceu cerca de 10%, quer entre a população em geral, quer entre os utilizadores da Internet por razões de saúde ou doença. Entre estes últimos, a Internet é percebida como a fonte de informação sobre saúde ou doença mais importante por 83% dos indivíduos em 2007, assumindo o lugar anteriormente ocupado pelo profissional de saúde. Também as farmácias são, em 2007, percebidas como menos importantes, enquanto fontes de informação de saúde, do que em 2005. De realçar o aumento da importância percebida da família, amigos e colegas, os quais foram considerados como importantes por oito em cada 10 Portugueses em 2007. De notar, ainda, a diminuição da importância percebida de fontes mais formais, como livros, enciclopédias

médicas, brochuras, cursos e palestras e o aumento da importância percebida da televisão e da rádio, entre aqueles que utilizam a Internet por razões de saúde ou doença.

## DISCUSSÃO

A utilização da Internet por razões de saúde ou doença continua a aumentar em Portugal e os resultados obtidos no âmbito do programa WHO/European eHealth Consumer Trends Survey permitem afirmar que a taxa de crescimento é superior ao dobro da taxa de crescimento da utilização da Internet.

Existem pequenas diferenças regionais na utilização da Internet, quer de uma forma geral quer por razões de saúde ou doença, mas não são estatisticamente significativas. De qualquer forma, não deixa de ser interessante que o Alentejo surja em segundo lugar, no que concerne à sua utilização no âmbito da saúde. Uma possível explicação poderá ser uma certa movimentação da população, nomeadamente, indivíduos com escolaridade elevada que, embora podendo trabalhar nas cidades, as abandonam enquanto zona de residência em busca de melhor qualidade de vida, materializada no *novo luxo*: terra, ar e água<sup>15</sup>. Tal é possível pelo reforço e melhoria das infra-estruturas e das acessibilidades<sup>16</sup>. Este é, certamente, um assunto a merecer investigação mais detalhada num futuro próximo.

Em 2005, os resultados Portugueses confirmavam as conclusões de estudos internacionais recentes<sup>3,4,17-19</sup>. A idade e o nível de escolaridade separavam, claramente, aqueles que acediam à Internet em busca de informação sobre saúde ou doença daqueles que não o faziam. No entanto, se os mais jovens e os mais cultos se destacavam do resto da população no que respeita à procura de informação de saúde, quando se considerava o sub-grupo de

utilizadores da Internet este comportamento tendia a igualizar-se entre os diversos grupos. No que respeita à variável género, os resultados apontavam para um possível incremento no uso da Internet por razões de saúde ou doença por parte das mulheres nos anos seguintes.

Os resultados do inquérito realizado em 2007 mostram um crescimento muito elevado no número de mulheres que utiliza a Internet para este fim, mas particularmente acentuado no escalão 25-34 anos. No caso dos homens, a utilização manteve-se praticamente estável, por vezes mesmo com decréscimo, entre os indivíduos com 15 a 44 anos, sendo que o maior incremento se verificou para os homens na faixa etária 45-54 anos. Globalmente, pode afirmar-se que, em Portugal, o aumento na utilização da Internet, em geral, e da Internet por razões de saúde ou doença, em particular, está a acontecer por via do crescente número de mulheres que a utilizam.

A análise por tipo de informação de saúde procurada na Internet revela situações interessantes, particularmente no caso da mulher. No que respeita à saúde, as mulheres constituem um grupo específico de análise, sendo grandes consumidoras de serviços nesta área mas também constituindo parte muito significativa dos prestadores de cuidados. Enquanto receptoras de cuidados, as mulheres consomem uma maior proporção de serviços de saúde e durante mais tempo, porque vivem mais anos e representam a unidade primária de tomada de decisão em questões de saúde<sup>20</sup>. Enquanto prestadoras de cuidados, actuam como profissionais e familiares, cuidando do cidadão doente, mas também dos filhos, netos, maridos e pais durante longos períodos de tempo, dada a sua superior esperança de vida<sup>21</sup>. Alguns períodos importantes na vida da mulher estão particularmente ligados à saúde, como a adolescência, a gravidez, o parto, a amamentação, o cuidado de filhos pequenos e a menopausa. Para muitas mulheres, episódios relacionados com doenças específicas, muitas vezes ligadas a etapas definidas do seu ciclo de vida, motivam uma grande procura por informação e serviços de saúde. Estas necessidades de informação de saúde parecem estar reflectidas nos resultados do nosso estudo. Muito interessante e merecedora de mais investigação é a descoberta de que as mulheres reconhecem na Internet potencial para preencher requisitos de informação de saúde em momentos específicos das suas vidas e que a estão a utilizar de forma orientada e mais do que os homens para este fim. Particularmente relevante é a constatação do grande potencial da Internet para providenciar à mulher aconselhamento e ajuda em questões como estilo de vida (nutrição e dieta, por exemplo), gravidez e cuidado infantil e gestão de diversos aspectos relacionados

com a saúde e a doença e da apetência das mulheres, praticamente em todas as fases da vida, por informação acerca de doenças específicas. Se considerarmos o crescente número de mulheres Portuguesas com acesso à Internet, facto também constatado no nosso estudo, e ao ensino superior, e sabendo que a escolarização é um factor determinante da procura de informação de saúde na Internet, conclui-se que este é, certamente, um assunto a merecer futura investigação e intervenções concretas por parte dos profissionais de saúde e dos responsáveis por políticas e programas de saúde pública.

Entre a população Portuguesa, a escolaridade continua a ser, em 2007, um factor determinante do recurso à Internet por motivos de saúde ou doença. Estudos anteriores mostram que as populações mais vulneráveis e com menos acesso a serviços de saúde, e que por isso correm mais riscos quando em situações de saúde graves, pertencem, frequentemente, a estratos sociais mais baixos, são mais velhas e possuem baixa escolaridade. Por norma, têm acesso limitado a informação de saúde relevante, nomeadamente, informação largamente disponível na Internet, e baixos níveis de literacia de saúde<sup>22</sup>. No geral, a informação relativa ao impacto da idade e da escolaridade no acesso a informação de saúde em linha em Portugal confirma os resultados destes trabalhos. No entanto, os resultados obtidos no âmbito do nosso projecto também mostram que, entre os utilizadores da Internet, foi no grupo de utilizadores com escolaridade igual ou inferior ao nono ano ou equivalente que mais aumentou o recurso à Internet por motivos de saúde. Tal sugere um potencial para debelar algumas das desigualdades existentes no acesso a informação e serviços de saúde, mas estas conclusões têm que ser interpretadas e geridas com cuidado. O nível de literacia em saúde dos cidadãos parece ser um problema real e grave, que limita na sua capacidade para obter e perceber informação de saúde<sup>23</sup>, qualquer que seja o meio de informação que utilizem para o fazer<sup>24</sup>. Isto poderá ter implicações sérias no momento da consulta médica, quer ao nível da sua duração, quer do esforço exigido ao médico para lidar com expectativas criadas ou ideias formadas, talvez erradamente, a partir de informação recolhida na Internet. Questões importantes que se levantam neste domínio são como melhorar a literacia em saúde da população e de grupos específicos<sup>25</sup>, como assegurar e avaliar a qualidade da informação disponível na Internet e como ajudar o cidadão a desenvolver capacidades de procura e de avaliação de informação de saúde relevante<sup>26</sup>.

A leitura de sítios Web ainda é a actividade relacionada com a saúde que mais Portugueses leva à Internet. No entanto, o incremento no número de indivíduos que se

dedicou a esta actividade pelo menos uma vez por ano entre a população em geral foi relativamente modesto entre 2005 e 2007 e no grupo de utilizadores da Internet verificou-se mesmo uma pequena diminuição. Dos quatro meios possíveis para obtenção de informação de saúde em linha, aquele que registou a variação mais interessante foi a *comunicação com um profissional de saúde que nunca se conheceu cara-a-cara*. Verificou-se, igualmente, um aumento no número de cidadãos que participa em fóruns dedicados a questões de saúde e que encomenda na Internet medicamentos ou outros produtos relacionados com a saúde. Globalmente, estes resultados podem sugerir que, há medida que a experiência com a utilização da Internet aumenta, os indivíduos ingressam em tarefas de complexidade crescente a vários níveis, exigindo mais conhecimento, mais auto-confiança e mais pró-actividade. Por outro lado, podem também sinalizar a emergência de serviços ainda não disponíveis, ou não facilmente acessíveis em Português, em 2005. Com efeito, vários serviços *pergunte ao médico* em sites com extensão .pt, foram encontrados numa busca utilizando as expressões *pergunte ao médico* e site:pt, nomeadamente, o serviço prestado pela Associação Nacional de Deficiências Mentais e Raras no seu site Raríssimas (<http://www.rarissimas.pt/pergunte/saude.php>) e o serviço disponibilizado pela Administração Regional de Saúde do Centro, em arsc.on-line ([http://www.arsc.on-line.pt/scripts/cv.dll?sec=infosaude&pass=pergunte\\_ao\\_medico](http://www.arsc.on-line.pt/scripts/cv.dll?sec=infosaude&pass=pergunte_ao_medico)). A língua é, certamente, uma barreira assinalável, quando está em jogo o acesso à imensidão de conteúdos, fóruns de discussão, serviços *pergunte ao médico* e farmácias disponíveis no World Wide Web (WWW). A maioria destes serviços é disponibilizada em Inglês, língua que parte significativa da população Portuguesa não domina ou não domina a um nível que lhe permita participar em tarefas linguisticamente exigentes. Uma questão a que seria interessante e importante responder é até que ponto este aumento no recurso a eServiços de saúde poderá estar a ser gerado por uma maior dificuldade no acesso a serviços tradicionais de saúde, materializada, por exemplo, em custos crescentes para o cidadão ou menor disponibilidade em termos regionais. Os dados recolhidos no âmbito deste projecto não permitem análises deste cariz, mas esta será, certamente, uma questão a investigar num futuro próximo. A percentagem de Portugueses que contactou um profissional de saúde conhecido, como o seu médico de família, pela Internet subiu de 0.5% para 1.1%, no período em análise. Este valor, extremamente baixo, não está longe dos resultados obtidos em 2005 para a generalidade dos países Europeus participantes neste estudo<sup>1</sup>.

A importância do profissional de saúde, enquanto fonte de informação de saúde, desceu cerca de 10% entre 2005 e 2007. Apenas as farmácias registaram uma evolução também negativa, embora menos acentuada. Entre a população em geral, a importância percebida de todas as outras fontes de informação subiu, no período em análise, mas a maior variação positiva verifica-se para o agregado *família, amigos e colegas*. A Internet, embora continue a posicionar-se em último lugar, é agora percebida como importante por seis em cada 10 Portugueses. Entre os utilizadores da Internet por razões de saúde ou doença, a Internet ascendeu a fonte mais importante de informação saúde em 2007. De notar a baixa relevância atribuída por este grupo a todas as fontes formais de informação de saúde, como livros, enciclopédias médicas, brochuras, cursos e palestras, bem como a fontes escritas, como jornais e revistas. A tendência para a valorização de fontes paroquiais e informais de informação de saúde, em detrimento do profissional de saúde, da farmácia e de outras fontes certificadas de informação de saúde é interessante e merecedora de atenção, pelo seu possível significado e futuras consequências.

## CONCLUSÃO

A utilização da Internet para questões de saúde ou doença continua a aumentar em Portugal e os resultados obtidos no inquérito efectuado em 2007 parecem confirmar a evolução prevista para o perfil do utilizador genérico da Internet para questões de saúde ou doença, construído a partir dos dados obtidos em 2005. Com efeito, verificou-se um aumento significativo no número de mulheres que utiliza a Internet para este fim, bem como do número de indivíduos com escolaridade ao nível do ensino básico. Este aumento é bastante acentuado no sub-grupo de utilizadores da Internet, o que parece sugerir que, uma vez com acesso à Internet, estes grupos têm uma especial apetência por informação de saúde. A utilização que a mulher faz deste canal de acesso a informação e serviços de saúde é particularmente interessante e sugestiva. O incremento no número de Portugueses que contacta médicos desconhecidos via Internet, participa em fóruns de saúde on-line e compra medicamentos pela Internet, embora pequeno, merece atenção por parte dos profissionais de saúde e dos responsáveis pelas políticas públicas, principalmente quando se constata a variação na importância atribuída pelos Portugueses ao profissional de saúde e à Internet, enquanto fontes de informação de saúde.



Conflito de interesses:

Os autores declaram não ter nenhum conflito de interesses relativamente ao presente artigo.

Fontes de financiamento:

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

## BIBLIOGRAFIA

1. ANDREASSEN HK, BUJNOWSKA-FEDAK MM, CHRONAKI CE et al: European citizens' use of E-health services: a study of seven countries. *BMC Public Health* 2007;7:53
2. DUMITRU RC, BURKLE T, POTAPOV S, LAUSEN B, WIESE B, PROKOSCH HU: Use and perception of internet for health related purposes in Germany: results of a national survey. *Int J Public Health* 2007;52(5):275-285.
3. BAKER L, WAGNER TH, SINGER S, BUNDORF MK: Use of the Internet and e-mail for health care information: results from a national survey. *JAMA* 2003;289(18):2400-6
4. FOX S: Health Information On-line – Eight in ten internet users have looked for health information on-line, with increased interest in diet, fitness, drugs, health insurance, experimental treatments, and particular doctors and hospitals: Pew Internet Am Life Project 2005
5. CPME/SCED: On information to patients and patient empowerment: Comité Permanent des Médecins Européens/Standing Committee of European Doctors; 11 September 2004
6. BALL MJ, LILLIS J: E-health: transforming the physician/patient relationship. *Int J Med Inform* 2001;61(1):1-10
7. GABY S, HENMAN P: E-Health: transforming doctor-patient relationships with a dose of technology. Paper presented at: Australian Electronic Governance Conference; 14th and 15th April 2004. Centre for Public Policy, University of Melbourne Victoria
8. HARRIS R, VEINOT T: The empowerment model and using e-health to distribute information: Action for Health 2004-01-WP-2; 2004
9. BALL MJ, SMITH C, BAKALAR RS: Personal health records: empowering consumers. *J Healthc Inf Manag* 2007;21(1):76-86
10. EYSENBACH G Towards ethical guidelines for dealing with unsolicited patient emails and giving teleadvice in the absence of a pre-existing patient-physician relationship systematic review and expert survey. *J Med Internet Res* 2000;2(1):E1.
11. FERGUSON T, KELLY B: E-patients prefer egroups to doctors for 10 of 12 aspects of health care. The Ferguson Report 1999;1 <http://www.fergusonreport.com/articles/fr039905.htm> [Accessed 21 March 2007]
12. SPADARO R: Eurobarometer 58.0. European Union Citizens and sources of information about health 2003
13. ERKUT S, ALARCÓN O, COLL C, TROPP L, HA VG: The dual-focus approach to creating bilingual measures. *J Cross-Cultural Psychol* 1999;30(2):206-218
14. Instituto Nacional de Estatística: Bases de dados on-line 2006
15. Fidalgo A. Nova corte na aldeia. Internet e ruralidade. In: Colibri E, ed. Diálogos Raianos – Ensaios sobre a Beira Interior. Lisboa 1999:89-99
16. ALEGRIA E: Litoral/Interior: clivagem com sentido? Variações populacionais inter-censitárias nas últimas duas décadas. [http://www.apdemografia.pt/pdf\\_congresso/6](http://www.apdemografia.pt/pdf_congresso/6) [Accessed 17 February 2008]
17. SANTANA S, SOUSA PEREIRA A: On the use of the Internet for health and illness issues in Portugal: repercussions in the physician-patient relationship. *Acta Med Port* 2007;20(1):47-57
18. MURRAY E, LO B, POLLACK L et al: The impact of health information on the internet on the physician-patient relationship: patient perceptions. *Arch Intern Med* 2003;163(14):1727-34
19. HESSE BW, NELSON DE, KREPS GL et al: Trust and sources of health information: the impact of the Internet and its implications for health care providers: findings from the first Health Information National Trends Survey. *Arch Intern Med* 2005; 165(22):2618-24
20. PANDEY SK, HART JJ, TIWARY S: Women's health and the internet: understanding emerging trends and implications. *Soc Sci Med* 2003;56(1):179-191
21. ALASZEWSKI A, BILLINGS J, COXON K: Integrated health and social care for older persons: theoretical and conceptual issues: UK: Procure – Centre for Health Services Studies. University of Kent at Canterbury 2003
22. KREPS GL: Disseminating relevant health information to underserved audiences: implications of the Digital Divide Pilot Projects. *J Med Libr Assoc* 2005;93(4 Suppl):S68-73
23. WILLIAMS MV, PARKER RM, BAKER DW et al: Inadequate functional health literacy among patients at two public hospitals. *JAMA* 1995;274(21):1677-82
24. HENWOOD F, WYATT S, HART A, SMITH J: 'Ignorance is bliss sometimes': constraints on the emergence of the 'informed patient' in the changing landscapes of health information. *Sociol Health Illn* 2003;25(6):589-607
25. KICKBUSCH IS: Health literacy: addressing the health and education divide. *Health Promot Int* 2001;16(3):289-297
26. FOX NJ, WARD KJ, O'Rourke AJ: The 'expert patient': empowerment or medical dominance? The case of weight loss, pharmaceutical drugs and the Internet. *Soc Sci Med* 2005; 60(6):1299-1309



*Universidade de Aveiro*